

## Os 75 Anos de TinTin

*J. Roberto Whitaker Penteado*

Muita gente da nova geração não sabe que, no Brasil, ensinava-se Francês a sério nas escolas, desde o curso primário, durante toda a primeira metade do Século 20. Quando terminei meu curso colegial, em 1958, havia estudado nada menos do que 9 anos de Francês, para 5 de Inglês e 1 de Espanhol – e 4 de Latim, acreditem.

Assim, quando me encontrei em Genebra, na parte francesa da Suíça – no início dos anos 60 – descobri que conseguia comunicar-me bem razoavelmente com os nativos.

Foi assim que conheci TinTin (acho que, em português, grafa-se Tim Tim) da melhor maneira possível. No idioma original. Os quadrinófilos sabem disso. Li'l Abner – o nosso "Ferdinando" – o imortal Calvin, o menino do tigre imaginário (Hobbes, chamado, no Brasil, Haroldo), e a não menos imortal Mafalda – para não falar do maior de todos: Pogo, o possum de Walt Kelly, embora possam ser universalmente apreciados, são, todos, intraduzíveis.

Mas falo de TinTin, um personagem criado pelo desenhista belga Georges Remi, conhecido no mundo todo como Hergé (apelido formado pelas iniciais invertidas do seu nome e pronunciadas, naturalmente, em francês), em 1929. As primeiras aventuras (no País dos Sovietes, no Congo e na América) eram quase improvisadas pelo autor - sem muito compromisso com roteiros - para preencher 2 páginas semanais do suplemento Petit Vingtième e assim se mantiveram até 1934, quando, ao levar o seu jornalista (essa a profissão de TT) para a China (O Lótus Azul), Hergé foi contatado por um leitor, o abade Gosset, e aconselhado a referenciar melhor suas histórias para não deseducar seus jovens leitores.

Hergé ficou tão impressionado com o conselho que – a partir das aventuras do seu herói na China – as histórias passaram a ser verdadeiros documentos de referência sobre os países e regiões em que se desenrolavam.

As aventuras de TinTin preencheram cerca de duas dezenas de álbuns, publicados a partir de 1930 – forma em que se difundiram por todo o mundo e foram traduzidos em quase todos os idiomas.

Curiosamente, TinTin, o personagem central é extremamente desinteressante e praticamente assexuado. Seu cachorrinho-falante, Milou, não é muito diferente disso. Os personagens começam a ganhar em riqueza de traços de personalidade com o surgimento do Capitão Haddock, ex-marinheiro, que manterá uma relação paternal com TT. Haddock e Milou apreciam uma boa cervejinha (são belgas) e um ou outro uísque – característica censurada na versão norte-americana das tiras. A esses personagens vêm-se somar outros: o professor Tournesol, sábio e inventor, os irmãos detetives Dupont/Dupond, a impressionante soprano italiana Bianca Castafiore, o mordomo Nestor e muitos outros. Na verdade – eu, que me delicieei dos dois lados, acho que o grupo definitivo não é dessemelhante à turma do Sítio do Picapau Amarelo, do nosso genial Lobato.

Os países francófonos celebram em 2004 os 75 da criação desse importante personagem das HQ, com destaque para essa Bélgica, tão pequena e tão competente. Assisti a uma bela produção teatral suíça de As Jóias da Castafiore, na Aula Magna da Universidade Nova de Louvain. E visitei, em Bruxelas, um bem-cuidado Centro Belga das HQ, que exhibe o trabalho de uma vintena de quadrinistas quase tão competentes como Hergé. Mas ele permanece especial – como TinTin e seus amigos.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Os 75 Anos de TinTin. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, mar. 2004. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=330&ID=195>>. Acesso em: 21 out. 2009.